

Servidão ou falsa teoria? Pensar a comunicação na América Latina ¹

Osvando J. de MORAIS²

Resumo

Neste artigo, pretende-se analisar a comunicação na América Latina, discutindo as teorias da comunicação como ponte para a uma interpretação dos usos de supostas teorias que aparentemente constroem explicações, mas na verdade não apontam para um percurso científico com atualizações de conceitos com respostas às práticas específicas, circunstanciadas pelas culturas. Procuram-se analisar como exemplo algumas pesquisas em comunicação feitas na América Latina que tentam o novo, mas acabam apenas simulando teorias a partir de releituras de autores de outros contextos geográficos dificilmente aplicáveis á nossa própria realidade. No entanto, a coexistência de pessoas, grupos e comunidades, com tradições étnicas, culturais, linguísticas e religiosas exigem conceitos específicos ou profundas atualizações desses mesmos conceitos. Na configuração das práticas midiáticas atuais, cada vez mais universais, exige a consciência dos pesquisadores de que viver em comum no mundo é, também, partilhar um as práticas que transformam nossos processos mentais e nossos modos de vida social em explicações. De outro modo, a possibilidade de teorias novas e específicas encontra dificuldades diante das imposições de ideias alienígenas, pois o reconhecimento científico impõe a servidão.

Palavras-chave: Comunicação. Teorias da comunicação. Cultura. Multicultura. Servidão. Dependência. América Latina.

¹ Trabalho apresentado no GP Culturas e Tecnologias Digitais na América Latina do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo ECA/USP. Professor e Pesquisador UNESP Bauru. Contato: osvando.morais@gmail.com

Nem mesmo autores como Carlos Fuentes e Octavio Paz poderiam antever, diante de seus contextos geográficos e culturais, a realidade comunicacional que estamos vivendo hoje , principalmente, com as práticas aplicadas à instantaneidade da comunicação, informação e cultura, verificadas, por exemplo, no vocabulário visual, nas mudanças do imaginário e na assimilação simultânea de outras culturas como um projeto político planejado maquiavelmente como processo contínuo de dominação. Propõe-se discutir, neste trabalho, as questões diretamente relacionadas à comunicação, presentes nos resultados dos trabalhos de pesquisadores que apenas sugerem ou mascaram um autodeterminismo, pluralismo e diversidade cultural. Muitos dos temas pesquisados e analisados, na América Latina, com certa frequência, por diversos pensadores, as ênfases recaem, na maioria das vezes, nas ideias e experiências paradoxais impostas pela dinâmica econômica e cultural, mesmo com todas as irracionalidades que lhes convém. Podem-se acrescentar ainda os problemas que envolvem as diversidades e demandas étnicas comuns a maioria dos países. É neste sentido que Carlos Fuentes defende certo tipo de Federalismo como solução para os problemas nacionais, culturais e econômicos na América Latina como um todo, porque somos uma mistura de raças, de gostos, de costumes, de crenças, de sotaques e de lembranças que formam as nossas culturas. Esta preocupação com as mudanças do imaginário construído e que se repete em quase todos os países e como este mesmo imaginário, carregado de eurocentrismos e norte americanismos, é assimilado pelo “outro” se faz presente no pensamento de Octavio Paz. O exemplo ideológico contido em tais ideias pode ser discutido como proposta de comunicação contida nos trabalhos desses autores que através dos meios de comunicação de massa traduzem a sensação de presença a todo o tempo, mas criticamente leva ao nada, ao tempo nenhum.

Há muitas referências importantes para se tomar como base e discutir as realidades latino-americanas. Países como o México, por exemplo, enfrentam realidades diferentes e em diversos sentidos piores que outros países como o Brasil.

Outros dois grandes pesquisadores, Nestor Garcia Canclini e Jesús Martin-Barbero, nossas maiores referências, cometem o mesmo engano teórico, mas resta o alívio em saber que suas análises e leituras não são definitivas e suficientes, apenas tentativas. Por isso, neste trabalho, o nosso propósito é discutir a comunicação, buscando autores como Octavio Paz, Carlos Fuentes e Gabriel Garcia Marquez, não somente partícipes como autores

literatos, mas pensadores da cultura e da comunicação, que não desvinculam as questões comunicacionais das políticas culturais.

É neste sentido que reafirmamos sempre: não se pode discutir a comunicação, em nosso continente, desvinculada das culturas que são fruto das misturas das raças, das nossas relações históricas com os primeiros colonizadores – Espanha e Portugal – passando pela presença europeia até os efeitos da Guerra Fria com a implantação das ditaduras treinadas e apoiadas pelos EUA em toda a América Latina com exceção de Cuba.

A Comunicação como a praticamos hoje é fruto histórico desse processo colonizador. Foi implantada, surgindo os conglomerados comunicacionais e juntamente com eles políticas que direcionaram os países aos interesses específicos comerciais, econômicos e culturais dos EUA.

Neste contexto, seria infrutífero discutir a comunicação, sem levar em conta uma relação de domínio. Muitas perguntas ainda não foram feitas e por isso mesmo sequer respondidas. Devemos antes analisar as relações de poder com as nossas produções culturais que passaram a ter dependência direta dos meios de comunicação de massa. Poucos exemplos dessa mesma produção fugiram ao controle por um período curtíssimo de tempo, pois, a Indústria Cultural se apodera daquilo que está em evidência e sua veracidade é incontrolável. Por isso o chamado Boom: o da literatura latino-americana com o realismo fantástico, o das telenovelas brasileiras com uma suposta revolução nas linguagens.

Nesta construção de um amplo espaço mercadológico, a TV e a academia ocupam lugares especiais. A TV por garantir uma divulgação eficaz e a academia por traduzir as ações dos meios massivos em verdade e conseqüentemente respeito. Qual o papel da América Latina neste cenário? Sobraram alguns focos de resistência, mas acima de tudo, o papel de consumidores em um sentido amplo: consumidores de bens de consumo – duráveis ou não; consumidores de bens simbólicos e juntamente com esses dois as ideologias altamente fomentadoras, diluindo como se “desmanchando no ar” uma cultura fragilizada por conta de uma educação fragmentada, provocada por problemas econômicos e de uma tradição com raízes superficiais e, portanto, pouco resistentes, aos ataques atraentes de um projeto mercantil predador.

Nestor Garcia Canclini (1991), um dos maiores e conceituados pesquisadores mexicanos, fez uma longa pesquisa nos anos 1990 do século passado sobre o consumo. No entanto, mesmo oferecendo dados bem fundamentados às Teorias da Recepção, esqueceu-

se de que o consumo em nosso continente não faz pensar e que é preciso sim estudá-lo do ponto de vista sociológico e antropológico para ver com mais luz um jogo de poder e uma construção ideológica de comportamentos.

A pesquisa de Canclini traz dados muito interessantes e, ao mesmo tempo, perguntas ingênuas, tentando responder construção cultural midiática que leva pessoas a consumir, mesmo sem ter cada própria ou o mínimo para uma alimentação satisfatória. Para explicar que justamente a grande massa, quando chegam as festas de fim de ano, se endividam para dar presentes, esquecendo-se do dia-a-dia e da sobrevivência é tarefa simples, mas não simplista. Basta olhar com alguma atenção ao apelo das propagandas televisivas que utilizam um glamour irresistível. Justificar o comportamento dos consumidores através dos processos de comunicação e recepção também é simplista. Para a América Latina, sobrou o consumo e com ele a tradução visual da suprema felicidade.

Queremos dizer com isso que ao relegar à última instância uma análise aprofundada de nossas carências e fragilidades que têm como base as nossas raízes, estamos cometendo um suicídio acadêmico e provocando um esquecimento de nossas identidades. Somos submetidos às artimanhas do capital e suas técnicas de administração são eficazes.

É ideológico quando se discute a instabilidade aplicada tanto à racionalidade como aos códigos e aos relatos. Do mesmo modo, perceberam-se as mesmas estratégias quando se fala no fim da história, da nacionalidade, das culturas e das classes.

Na realidade, as fronteiras dos países colonizadores estão muito bem guardadas, Estes países administram e concentram com mãos de ferro um imenso poder chamado mercado.

Por isso, a retórica que conceitua o fim de qualquer coisa: do homem, das classes, das nações para imperar o homem McLuhaniano, simbolicamente, prostrado diante de uma tela com imagem.

Queremos reafirmar que as pesquisas canclinianas foram e são importantes, pois, abrem caminho para uma dimensão histórica e cultural da América Latina que ainda deverá ser feita por meio de análises para se obter da efervescência uma visão da mutação em andamento. Como diz Canclini, a “televisão manipula o México”, poderíamos aplicar essa mesma afirmação, sem medo de errar, a todos os países do continente.

Sob a aparência do transnacional, do global, do pós-nacional, da não-identidade, esconde-se um poder neoconservador. Por isso, nunca é demais reafirmar que se esse poder vem diretamente dos meios massivos, é impossível ignorar o poder e mais ainda, aceitar as

Teorias da Comunicação pensadas a partir da realidade de cada desses países que as exportam.

Por isso, Jesús Martín-Barbero chama atenção para as modas teóricas, embora, sua posição política ainda esteja muito carregada de um eurocentrismo que tenta a qualquer custo despolitizar um campo como o da Comunicação que sempre esteve atrelado às questões políticas e conseqüentemente do poder.

No entanto, quando analisa o século XX e as ideologias dominantes, não deixa de perceber a saída da comunicação como cultura, obrigatoriamente, como passagem para o século atual com suas transformações tecnológicas, implicando transformações também nas culturas. Da mesma forma, houve uma dominação das ideologias no século passado, alertando que corre-se o risco de sair de Cultura e cair no culturalismo (1991, p. 7).

Na verdade, a academia tenta o tempo todo entender e aceita um projeto de poder para a América Latina, buscando ora uma teoria, ora culpabilizar as ideologias. E para fugir às questões ideológicas, inventa-se o fim de tudo, a começar pelo nacional que se transforma em pós-nacional e transnacional. Podemos lembrar a frase McLuhaniana usada por Roberto Schwarz como título magistral de seu livro: *Ao Vencedor, As Batatas*. Só que o vencedor agora não se contenta só com as batatas, ele quer muito mais que isso. Estão lidando com uma *banana republics* e diante da impossibilidade de qualquer país latino se transformar em *balalaica republics* reinam em berço esplêndido. Entender as comunicações exige estratégias teóricas que comprovadamente jogam o jogo do poder e dos políticos. Repetem-se, nos meios de comunicação, tudo que é feito lá fora. Do Jornalismo à Interatividade dirigida e instantânea do *Big Brother*. Neste sentido, as mesmas teorias deveriam valer? O labirinto da solidão, de Octavio Paz, conta poeticamente a história do México. Nele, há muito que se relacionar com a história de todo o continente.

O grande mito da história mexicana, Moctezumo cede a invasão espanhola, pois, sente um atração incontrolável (PAZ, p. 87), uma fascinação carregada de mensagens sagradas, interpretadas como um ciclo que se fecha e começa outro.

Do mesmo modo, parece que toda a América Latina está condenada a sentir essa estranha atração. Estamos fadados a repetir as tentações de Moctezumo. A sedução irracional e injustificável pelo estrangeiro como se fosse uma trama sagrada.

Pensamos nas Teorias da Comunicação e suas aplicações, como conquistas sem resistências, como um querer ser, o outro, mesmo que isso signifique suicídio, aproveitando o exemplo de Moctezumo. Analisar as culturas do continente latino-americano inteiro não é

o nosso propósito. No entanto, pensar em nossa realidade não só a partir das ideias de Octavio Paz mas também da colocação de Carlos Fuentes que relata minuciosamente as relações do México com os EUA e as imposições culturais e dos meios de comunicação de massa, principalmente o cinema (Fuentes, 1989) instaurando uma verdadeira evolução.

Politicamente, Fuentes é um escritor híbrido, bipartido, dividido em dois: metade mexicano, metade americano. Sua cultura obedece a esses mesmos parâmetros e a ética protestante o coloca em contradição. Difícil superar, neste contexto particularmente rico dos anos 1950 até os anos 1960 em diante, a efervescência dos efeitos da Guerra Fria. Luís Buñuel e autores como Gabriel Garcia Marquez foram figuras presentes nesta mesma época. Portanto estamos lidando com realidades culturais que extrapolam as fronteiras de um país.

Do mesmo modo que se lê a literatura francesa, lê-se a russa. Vive-se entre Diderot e Gogol e convive-se com Gabriel Garcia Marquez, Borges e o cinema norteamericano, o próprio Fuentes se classifica como um misto da cultura daquele contexto: “Somos o que comemos. Também somos as histórias em quadrinhos que consumimos na infância”. (Fuentes, 1989, p. 12).

É neste universo povoado pelos cidadãos Kane, Dick Tray, Tess Trueheart, Clark Kent e Louis Lane, que se configura a cultura do México e de toda a América Latina. Discutir a comunicação, sem levar em conta essas dimensões seja no campo político, seja no comunicacional, são inseparáveis e seria infrutífero.

No entanto, as Teorias da Comunicação, com raríssimas exceções, são utilizadas sem levar em consideração as devidas diferenças de práticas e vivências culturais dos meios massivos. Cada país extrapola os limites que os modelos importados impõem. A comunicação não está desligada das experiências acumuladas ao longo de séculos. Estudá-la e praticá-la sem os laços com a cultura seria fazer o pacto da morte de Moctezumo.

Um outro grande nome da literatura latino-americana de língua espanhol, Gabriel Garcia Marquez, não pode ser esquecido dos estudos comunicacionais e aprisiona-lo na literatura seria não levar em conta os elementos históricos contextuais do século XX dos quais ele participou ativamente não somente como literato, mas como homem político. Sua consciência política e importância de suas ações devem-se às suas denúncia e luta contra as ditaduras em quase todo o continente, financiadas pelos EUA. E coincidentemente, após a década de 1960, houve o *boom* da comunicação. Por isso mesmo, não se pode separar

política da comunicação porque como projeto de poder e construção de mercado, foram planejados conjuntamente.

O discurso de Gabriel Garcia Marquez para o Prêmio Nobel, escrito em poucas páginas, deveria ser texto obrigatório àqueles que estudam a América Latina. Não importa a especificidade dos estudos. Seja televisão digital ou analógica, Jornalismo, Publicidade e Cultura. Trata-se de um resgate histórico das atrocidades cometidas pelo colonizador espanhol, dos enganos da independência até o domínio norte-americano, no século XX, principalmente, após a Segunda Guerra Mundial em que o mundo ficou dividido em dois grandes donos.

Só será possível propor Novas Teorias da Comunicação a partir de estudos realmente aprofundados históricos, antropológicos, sociológicos e culturais e ainda assim, analisar as diferenças e semelhanças entre os países: “A interpretação da nossa realidade a partir de esquemas alheios só contribui para tornar-nos cada vez menos livres, cada vez menos solitários”. (GARCIA MARQUEZ, 2010, p. 10).

Não é por acaso que o tema da solidão está presente tanto na obra de Octavio Paz como na de Gabriel Garcia Marquez. É o abandono político provocado pela desunião e falta de consciência política. É ter uma educação midiática, escolar, formal e informal voltada sempre aos interesses alheios. É a recusa do espelho. E usar os modos de ser do outro e também o outro como espelho. Nada escapa: impõe-se da língua aos pequenos hábitos e práticas alimentares. É o Transnacional, o Pós-Nacional e o Global que funciona nos países consumidores. Do outro lado, as fronteiras estão muito bem guardadas e protegidas. O comércio é igualmente protegido.

CONSIDERAÇÕES

Podemos pensar em duas hipóteses para se entender a América Latina. A primeira: seria possível a partir de uma análise histórica e cultural, com os elementos já previamente levantados pelos estudiosos destas áreas, propor uma teoria da comunicação que justificasse as transformações culturais e os processos intermediadores e mediados?

A segunda: seria possível a partir das imposições culturais, verificadas no processo de colonização contínuo, pensar uma teoria da comunicação e da cultura, levando em conta a Teoria Crítica e os Estudos Culturais, que pensassem os meios de comunicação como aparelhos ideológicos construtores de mercados?

É neste sentido que retomamos as ideias de Garcia Marquez quando expõe o tamanho da América e a imensidão de seus problemas. As contradições são muitas e diante da dificuldade de cada um dos países do continente, inventa-se uma América. Na impossibilidade de ser contar o Real, inventa-se o realismo mágico porque é uma saída, não a única como em Cem Anos de Solidão, para perda de memória, colocaram-se placas nominando cada coisa. Para luta contra o esquecimento, existe a própria realidade que está presente em todas as coisas. A saída está no próprio homem que dialoga, troca e deixa marcas, registros e ideias.

É neste universo latino, misto de abstrações históricas, realidades mágicas, pois, a realidade é feia e insuportável, que se encontra a literatura que também foi reinventada não somente para contar histórias, mas para lembrar o que somos e de maneira não muito precisa, mostrar o que podemos ser ou o que não queremos ser. Pensar os meios como transgressão, como engajamento contra os modelos porque pressupõem o comum, o igual que repete sempre.

REFERÊNCIAS

- FUENTES, Carlos. **Eu e os Outros: ensaios escolhidos**. Rio de Janeiro, Rocco, 1989.
- GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel e FUENTES, Carlos. *“Cién años de soledad” y un homenaje*. Discursos de Gabriel Garcia Marquez e Carlos Fuentes. México, FCE, 2007.
- GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. **Cem Anos de Solidão**. Rio de Janeiro, Record, 2010.
- GARCÍA CANCLINI, Nestor. **Culturas Híbridas: Estratégia para entrar e sair da modernidade**. São Paulo, Edusp, 2006.
- GARCÍA CANCLINI, Nestor. **Consumidores e Cidadãos**. Rio de Janeiro, 2005.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Oficio de Cartógrafo: Travesias latinoamericanas de la comunicación em la cultura*. México, FCE, 2002.
- PAZ, Octavio. **O labirinto da Solidão**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.